

**PROMESSAS NUNCA VÃS: CONSOLIDAÇÃO DO MITO SEBÁSTICO PELO
DISCURSO LITERÁRIO**

Rosemary Gonçalo Afonso¹

RESUMO: O trabalho apresenta uma reflexão sobre o mito do sebastianismo, defendendo que este se consolida pelo discurso literário. Tendo desaparecido durante a Batalha de Alcácer-Quibir, numa investida suicida que visava recuperar no norte de África, o rei D. Sebastião deixa a coroa sem um herdeiro, o que resulta na ocupação de Portugal pelos espanhóis. A expectativa do retorno do rei vai dar lugar ao mito que ressurge em diferentes momentos da história, com a contribuição dos textos literários. Nossas considerações se desenvolvem, sobretudo, a partir dos avisos destacados por Fernando Pessoa em *Mensagem*: Primeiro Bandarra, Segundo/António Vieira e Terceiro.

Palavras-chave: Sebastianismo; Fernando Pessoa; Destino.

**NEVER VAIN PROMISES: CONSOLIDATION OF SEBASTIAN MYTH BY
LITERARY DISCOURSE**

ABSTRACT: The paper presents a reflection on the myth of Sebastianism, and proposes that it is consolidated by the literary discourse. When King Sebastian "disappeared" during the Battle of Alcácer-Quibir, a suicide assault in the North of Africa, he didn't let an heir to the crown, what results in the occupation of Portugal by the Spaniards. The expectation on the return of the king will allow the beginning of a myth that rises again at different times in history, with the contribution of literary texts. Our considerations are developed especially observing the "warnings" posted by Fernando Pessoa in his book *Mensagem*: First / Bandarra, Second / António Vieira and Third.

Key-words: Sebastianism; Fernando Pessoa; Destiny.

Da guerra de Tróia aos grandes conflitos armados de nosso século, a guerra sempre foi a inspiradora generosa da literatura (í). A guerra é produtora de mito.

(VALENSI, p. 247)

As reflexões deste artigo se prendem aos conceitos de passado, presente e futuro, intercalados com o contexto mítico, histórico e literário, a partir do tema da promessa.

¹ Doutoranda em Letras ó UFRJ. RJ, Brasil. rosemaryafonso@ig.com.br

O fio condutor da análise é a expectativa portuguesa de liderar o almejado Quinto Império: um Império da Cristandade, que surgiria para unificar e pacificar o mundo. Convencido dessa possibilidade, o rei D. Sebastião organiza uma investida suicida para reconquistar o norte da África, no séc. XVI, e desapareceu durante a batalha de Alcácer-Quibir. Em virtude do seu momento histórico, sua derrota proporciona o surgimento do mito sebástico, que se configura na expectativa do seu retorno, e que lhe rendeu uma vitória póstuma inesperada. Sintetizando o conceito, Fernando Pessoa afirma, num verso célebre: O Mytho é o nada que é tudo (PESSOA, 2008, p. 59). Nosso objetivo é demonstrar como a salvação de D. Sebastião, enquanto um rei que permanece no imaginário da nação, é construída no discurso e se consolida através dos textos literários.

Nosso principal apoio teórico é o trabalho da historiadora Lucette Valensi, no qual ela expõe os elementos que envolvem o antes e o depois da batalha de Alcácer-Quibir, dando ênfase aos mecanismos que contribuem para a formação do mito do Sebastianismo. Valensi se pauta na recuperação dos fatos, dos relatos ou da constatação da ausência dos mesmos, visto que a observação do que foi registrado pela História exige também a consideração daquilo que se perdeu ou que foi omitido pelos contemporâneos das situações estudadas:

Sabe-se que, quando se trata de psicologia individual, o par memória/esquecimento não esgota as operações que se fazem sobre a experiência vivida, e que a produção de lembranças não é o único processo ativo que entra em jogo. Silêncio, censura, obliteração, recalque, amnésia, negação, mentira também fazem parte da formação da memória. (VALENSI, 1994, pp. 9-10)

No que concerne aos textos literários, é a recuperação do mito pelo poeta Fernando Pessoa que conduzirá nossas considerações, a partir dos três avisos apontados na terceira parte de seu livro intitulado *Mensagem*, a partir dos poemas: Primeiro Bandarra, Segundo/António Vieira e Terceiro; aqui introduzidos a partir de três cenas.

CENA 1: Séc. XVI / D. Sebastião (1554-1578) ó RECUPERAR O PASSADO

õA memória é feita de estilhaços particularesõ.

(Michel de Certeau)

A habilidade e força do jovem rei surpreendem àqueles que observam os exercícios de cavalaria que se intensificam no castelo. É um tempo em que a espada e o escudo fazem parte da indumentária de nobres cavaleiros, que devem estar sempre prontos para combater em defesa ou ampliação de fronteiras constantemente ameaçadas. E o rei, D. Sebastião, tem uma batalha em vista: recuperar o norte da África.

Ele é o ãDesejado, não das mulheres, às quais rejeita sistematicamente, mas da nação que viu com preocupação morrerem precocemente todos os nove filhos do rei D. João III. Quis o destino que fosse Sebastião, o neto do rei, a herdar a coroa. Não teria sido por acaso! Pelo menos é no que acredita o jovem, um amante de Deus e das armas, que aos 14 anos torna-se o décimo sexto Rei de Portugal.

Sobre destino, lembramos que Romano Guardini destaca como elementos dessa experiência: a *necessidade*, porque ãdestino é o inelutável, o que não se pode evitar, o forçoso; o *facto*, ou seja, ãaquilo de que não se pode afirmar que *tem de ser*, mas que é; e o *acaso*, que diz respeito à experiência que se prende ao indivíduo e que ãse efetiva quando nele ocorre alguma coisa que não se observa nem dirige na trama da vida (GUARDINI, s/d, pp.135-138). No caso português, associamos esses elementos à *necessidade* de que o reino fosse liderado pelo descendente mais próximo do rei anterior, ao *fato* de D. Sebastião ser essa pessoa, e de ser assim em virtude do *acaso* de terem morrido todos os que estariam a sua frente na linha de sucessão. Ser rei era o destino do jovem!

O Império herdado por D. Sebastião resulta das conquistas realizadas durante um século glorioso, como explica Paul Teyssier:

Ao longo de pelo menos cem anos, a política portuguesa será a ponta-de-lança de toda a expansão europeia. No século XV, os navegadores, depois do reconhecimento do continente africano, se disseminarão aos quatro ventos de um globo ainda por descobrir. Comerciantes, missionários e aventureiros acompanharão, realizando um conjunto de proezas individuais e de aventuras coletivas únicas na história da humanidade. (TEYSSIER, 1992, p. 12)

Porém, sua subida ao trono acontece quando esse império caminha para o seu declínio. O norte da África, onde se iniciam as conquistas portuguesas decorrentes da expansão marítima, no séc. XV, é também o local onde começam suas perdas, a partir da segunda metade do século XVI. Podemos delimitar o período áureo pela conquista de Ceuta, em 1415, e a perda de Agadir, em 1541.

Nascido orfão de pai, a educação de D. Sebastião foi confiada aos padres da Companhia de Jesus. Como tinha apenas três anos quando o avô morreu, a regência ficou a cargo de sua mãe e logo depois foi confiada ao tio-avô, o Cardeal Henrique. No contexto religioso de sua época e de sua educação, o caráter do jovem rei se torna influenciável e o seu único objetivo é conter os Mouros, que iniciaram a retomada do Norte da África. Além dessa motivação objetiva, D. Sebastião acreditava na predestinação portuguesa para edificar o Quinto Império, um Império Cristão que unificaria e pacificaria o mundo. Para realizar tal façanha, ele se dispõe a abdicar de prazeres mundanos e a praticar os exercícios ensinados por Santo Inácio de Loiola, que aconselha o voto de castidade a quem desejar obter estados superiores de consciência. Como sugere a Crônica da Companhia, tomo II, livro V, capítulo 47, D. Sebastião conhecia e praticava tais exercícios; nela se afirma que uma das três graças que pedia a Deus era a de conservar casto e a segunda que lhe concedesse a oportunidade de propagar a fé em todas as partes do mundo. É importante lembrar que toda religião oferece um futuro positivo, e essa postura religiosa contribuiu para que o rei acreditasse que seria bem sucedido em sua empreitada.

Aliada à crença na edificação do Quinto Império, outra expectativa teria contribuído para a decisão do rei: no início da epopeia que forja a alma lusitana, *Os Lusíadas*, de Luís de Camões, a dedicatória, que preenche as estrofes de seis a dezoito, engrandece e instiga o rei a realizar novos feitos dignos de serem cantados. As duas estrofes finais reforçam a promessa do poeta de que suas vitórias seriam imortalizadas por sua pena:

Para servir-vos, braço às armas feito,
 Para cantar-vos, mente às Musas dada;
 Só me falece ser a vós aceito,
 De quem virtude deve ser prezada.
 Se me isto o Céu concede, e o vosso peito
 Di[g]na empresa tomar de ser cantada,
 Como a pressaga mente vaticina
 Olhando a vossa inclinação divina,

Ou fazendo que, mais que a de Medusa,
 A vida vossa tema o monte Atlante,
 Ou rompendo nos campos de Ampelusa
 Os muros de Marrocos e Trudante,
 A minha já estimada e leda Musa
 Fico que em todo o mundo de vós cante,
 De sorte que Alexandre em vós se veja,
 Sem a dita de Aquiles ter inveja.
 (CAMÕES: X: 155-156)

Camões não apresenta, mas representa o mundo. Através de um modelo clássico, o poeta constrói um texto inspirado em fatos históricos, o que compromete sua interpretação enquanto obra literária. Isto se compreende, visto que até o séc. XIX, antes da ascensão da ciência, a literatura e a história eram consideradas como ramos da mesma árvore do saber, uma árvore que buscava interpretar a experiência, com o objetivo de orientar e elevar o homem (HUTCHEON, 1991, p. 141).

Elevar-se ao patamar de herói nacional seria um dos objetivos do rei, mas o empenho pessoal de D. Sebastião na tentativa de preservar ou superar o que foi feito no passado compromete diretamente o percurso histórico do seu país. Reunindo a maior parte da nobreza portuguesa da época, e a despeito dos conselhos em contrário, D. Sebastião, então com 24 anos, parte para a África e não sobrevive à batalha de Alcácer-Quibir, que aconteceu no dia 04 de Agosto de 1578. Ele não foi o único a morrer: outros dois príncipes, um aliado e um opositor também sucumbiram; o que fez dessa uma batalha única em termos históricos. Embora a História afirme que seu corpo teria sido encontrado, o fato de nenhum sobrevivente português confirmar tê-lo visto morto, gerou a expectativa do seu retorno, tão desejado pela população que lamentava o domínio de Portugal pelos espanhóis em consequência de o rei não ter deixado descendentes. Não podendo registrar a derrota do seu exército e suas consequências, e não podendo enlutar-se, os portugueses puseram então em dúvida a morte do rei. Ele havia desaparecido, mas ninguém podia afirmar que estivesse morto. (VALENSI, 1994, p. 32)

Sobre a dificuldade de reconhecimento do corpo morto do rei, Valensi descreve o episódio:

O corpo de D. Sebastião é exposto diante dos cavaleiros portugueses cativos, que não podem suportar o espetáculo. O rei tem cinco ferimentos na cabeça, sendo dois grandes. Mais tarde, o corpo é conduzido a El-Ksar: antes de mandar enterrá-lo, o governador do lugar convoca alguns prisioneiros para que estes reconheçam seu rei. Um, gravemente ferido, declina do oferecimento; outro nada pode afirmar, já que o corpo estava em estado de putrefação havia três dias. Assim, os portugueses negam os fatos, velam a face, desviam os olhos, ou guardam silêncio; o que eles veem não tem nome. (VALENSI, 1994, p. 24)

O trágico destino de D. Sebastião teria sido cumprido em função de sua ação consciente e planejada, para além das circunstâncias que explicam suas opções, ou seja, a salvação do homem pela história resulta não apenas do que se apresenta ao indivíduo, mas do que ele faz diante de qualquer impasse. Ainda a partir de Guardini, lembramos que tem-se olhado o destino somente pelo aspecto objetivo, como o que se apresenta frente ao homem;

mas, de facto, provém igualmente do próprio homem, porque também ele é realidade e, em relação a si, a mais próxima e operante. (GUARDINI, s/d, p. 144). A inaceitável tragédia envolvendo D. Sebastião, para a qual contribuíram suas opções, abre espaço para as profecias de Gonçalo Anes Bandarra, o sapateiro de Trancoso, difundidas através do discurso literário: das *trovas* que falam sobre a vinda do Encoberto e do futuro de Portugal como reino universal, conduzido por um rei que deveria percorrer muitos caminhos. Tendo desaparecido, mas sem estar morto, o rei poderia estar vagando por diferentes territórios, em busca do caminho de volta ao país:

Um rei novo nascerá
 Que novo nome há de ter
 Este Rei que há de nascer
 De terra em terra há de andar
 Muita gente há de vencer
 Bandarra, In: VALENSI, 1994, p. 182.

O cariz messiânico dessas *trovas* permite associar a figura do rei à do próprio Cristo, e embora Bandarra tenha sido silenciado pela Inquisição, elas continuaram a circular e a alimentar a esperança dos portugueses. As explicações para a demora do retorno do rei fazem dele um Ente Sobrenatural e convertem sua ausência num mito de espera, o Sebastianismo:

O Sebastianismo português estruturou-se, pelo conjunto de manifestações já conhecidas, a partir da concepção pacífica da espera, inspirada na doutrina das três idades do monge calabrés do século XIII, Gioacchino de Fiore, ou Joaquim de Flora, segundo a qual à Idade do Pai, era do Antigo Testamento, seguir-se-ia a Idade do Filho, tempo do Novo Testamento e, finalmente chegaria a Idade do Espírito Santo, era de uma nova ordem espiritual, momento de concretização do reino de Cristo sobre uma terra regenerada. (HERMANN, b, p. 3)

Em *Mensagem*, Fernando Pessoa recupera o mito. Na divisão singular da obra, chama de *avisos* uma sequência de três poemas da terceira parte: o primeiro deles, cujo título é *Bandarra*, sugere que as trovas desse profeta popular teriam sido o primeiro *aviso* de que a história de D. Sebastião ainda não havia acabado.

Primeiro / O Bandarra

Sonhava, anónimo e disperso,
 O Império por Deus mesmo visto,
 Confuso como o Universo
 E plebeu como Jesus Christo.

Não foi nem santo nem heroe,

Mas Deus sagrou com Seu sinal
Este, cujo coração foi
Não portuez mas Portugal.

(PESSOA, 2008, p. 115)

Ao defender o desaparecimento do rei, e não a sua morte, incentivando assim uma resistência ideológica à dominação espanhola, Bandarra encarna o próprio país, que continua a existir graças à expectativa de recuperar sua soberania.

CENA 2: Séc.XVII / Padre António Vieira (1608-1697) ó PREVER O FUTURO

*õFoi S. Sebastião o encoberto porque o encobriu a
realidade da vida debaixo da opinião da morteí
Ó milagre! Ó maravilha da providência divina!*

(António Vieira, Sermão *Sebastião, o encoberto*)

Numa clareira aberta em terras brasileiras, o orador é ouvido com curiosidade pelos índios que o cercam. O hábito, sóbrio e quente, em contraste com os corpos seminus enfeitados de penas coloridas, confere ao religioso uma aura quase palpável, que convence a plateia de que ele merece ser ouvido. Resta saber se compreendem o seu sermão, chamado de *Sebastião, o encoberto*, proferido em português e no estilo barroco que ele ajuda a consolidar. No sermão, a figura do santo e do rei homônimo se confundem.

Trata-se do padre António Vieira, um membro da Companhia de Jesus que vive o seu momento histórico de forma intensa, e que profetiza o futuro de Portugal. Em 1649, ele começa a escrever a *õHistória do Futuroö*, onde o conceito do *õQuinto Impérioö* perseguido por D. Sebastião vai ser mais bem definido, e onde Portugal é apontado como a nação incumbida de fundar uma nova doutrina espiritualista no planeta, unificando todas as nações, raças e povos sob a égide do Cristianismo. É nas profecias do sapateiro Bandarra que Vieira se apoia pra pensar que os judeus se converteriam e que Portugal conseguiria unificar numa mesma fé judeus e cristãos (VALENSI, 1994, p. 149). Também com Vieira a crença sebastianista se fortalece, embora fosse no príncipe João IV que ele pensasse ao sonhar com a recuperação da soberania portuguesa (VALENSI, 1994, pp. 145 e 157).

Sobre a *História do Futuro*, Folch lembra que:

Esta grande obra profética devia tratar, fundamentalmente, da legitimidade das esperanças na instauração do Quinto Império. A nação portuguesa trazia, para Vieira, o povo eleito para instaurar e dirigir o Império de Cristo na terra, o Quinto Império profetizado por Daniel. Este império, iniciado com o nascimento de Cristo, seria consumado em breve e sucederia ao IV Império, o Romano, que persistia na casa de Áustria. Para Vieira, deveria ter essencialmente o caráter que teve em fases anteriores, espiritual e temporal: o poder espiritual estaria representado pelo Sumo Pontífice de Roma e o poder temporal por um príncipe cristão, o rei de Portugal. Este novo estado da Igreja e Reino de Cristo seria perfeito, completo e consumado porque permitiria o encontro e a incorporação das Dez Tribos Perdidas de Israel, assim como a conversão de todos os hereges, judeus e pagãos à fé de Cristo. (FOLCH, 2014, p. 2)

Na *História do Futuro*, Vieira explica que o tempo tem um universo superior e visível, que é o passado, e outro inferior e invisível, que é o futuro; entre um e outro ficam os instantes que vivemos. E profetiza apenas glórias e vitórias para Portugal, país predestinado a conduzir um reinado de unidade religiosa, de paz universal e de perfeição. Depois dos Egípcios, Assírios, Persas e Romanos, esse novo Império seria Cristão:

Tudo o que abraça o mar, tudo o que alumia o Sol, tudo o que cobre e rodeia o Sol, será sujeito a este Quinto Império; não por nome ou título fantástico, como todos os que até agora se chamaram impérios do Mundo, senão por domínio e sujeição verdadeira. Todos os reinos se unirão em um centro, todas as cabeças obedecerão a uma suprema cabeça, todas as coroas se rematarão em uma só diadema, e esta será a peanha da cruz de Cristo. (VIEIRA, 2014, p. 11)

Porém, nem todas as mensagens são recebidas como esperam aqueles que as transmitem, e a incerteza sobre a morte de D. Sebastião na batalha de Alcácer-Quibir, construída pela negação de sua morte pelos portugueses aliada à óstela judaica, e portanto messiânica, do povo facilitaram o aparecimento de uma crença sebastiana muito forte, meio caminho andado para a aceitação de falsos ódesejados que surgiram em diferentes partes da Europa. No Brasil, a crença no retorno do rei que estabeleceria o tão sonhado óQuinto Império fundiu-se com o mito sebastianista e fincou raízes no inconsciente do sertanejo nordestino. Para isso contribuiu a presença dos muitos cristãos-novos (recém-convertidos) que optaram por viver na colônia em virtude da Criação do Tribunal do Santo Ofício em Portugal, a partir de 1536. É possível estimar que alcançassem cerca de 14% da população branca da capitania de Pernambuco.

A crença contribuiu para o surgimento de movimentos contra a República ainda no séc. XIX, ou seja, três séculos depois da morte do rei D. Sebastião. Manifestações populares que a história oficial registrou, mas não fez questão de divulgar. Os dois mais importantes foram o Movimento Sebastianista da Serra do Rodeador (Pernambuco, 1820) e o Movimento

do Reino da Pedra (Pernambuco, 1835), também eles imortalizados em obras literárias que refletem o sentimento de homens que vivenciaram esses conflitos. A mais emblemática foi escrita por Ariano Suassuna: *O Romance da Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vae-e-Volta*.

Também merece ser lembrada a resistência de um grupo organizado em Canudos, em torno de Antônio Conselheiro, misto de louco e profeta, que acreditava no retorno de D. Sebastião, como se verifica no seguinte fragmento:

Meus irmãos, o anti-Cristo é chegado. [...] O ataque de Masseté constituiu uma prova para nós. O meu povo é valente. O satanás trouxe a república, porém em nosso socorro vem o infante rei D. Sebastião. Virá depois o Bom Jesus separar o joio do trigo, as cabras das ovelhas. E, aí daquele que não se arrepender antes, porque tarde não adiantará". Jejuai que estamos no fim dos tempos. Belos Montes será o campo de Jesus, a face de Jeová. Os republicanos não devem ser poupados pois são todos do anti-Cristo. De hoje em diante, será 'dente por dente e olho por olho' (1893). (OTTEN, 2014, p. 293)

Inspirado nesse líder de personalidade paradoxalmente simples e complexa, Euclides da Cunha escreve sua obra-prima *Os Sertões*, na qual afirma: "Em verdade vos digo, quando as nações brigam com as nações, o Brasil com o Brasil, a Inglaterra com a Inglaterra, a Prússia com a Prússia, das ondas do mar D. Sebastião sairá com todo o seu exército..."

Nas improvisações dos repentistas nordestinos, a crença é soprada aos quatro ventos, e nos varais das feiras populares D. Sebastião é exposto como tema dos cordéis, como se exemplifica pelo seguinte fragmento de "Sebastianismo no Sertão", disponível no portal do cordel:

(í)
 De revolta com razão
 Fez-se bandeira de luta
 O rei Dom Sebastião
 Que sumiu numa peleja,
 Defendendo a Santa Igreja
 E o mandamento cristão.
 De Deus a revolucionário,
 Jesus Cristo passou
 O rei Dom Sebastião
 Tornava-se o redentor,
 Só faltava o povo agora,
 Se inflamar de fé e glória
 E guerrear com o malfeitor.
 (í)

As verdades podem ser muitas, resultantes das múltiplas interpretações suscitadas por textos ou fatos. Essa multiplicidade, aliada à necessidade de renovar esperanças faz

ressurgir, no século XVII a crença construída após o fim trágico do inesquecível rei que, como vimos, se estenderá por muitos séculos. Fernando Pessoa aponta, em *Mensagem*, o Padre António Vieira como o segundo ãvisoö do retorno de D. Sebastião, ou seja, o segundo momento em que essa expectativa se fez necessária. No poema ãSegundo / António Vieiraö:

Segundo / António Vieira

O céu 'strella o azul e tem grandeza.
Este, que teve a fama e à glória tem,
Imperador da língua portugueza,
Foi-nos um céu também.

No imenso espaço seu de meditar,
Constellado de forma e de visão,
Surge, prenuncio claro do luar,
El-Rei D. Sebastião.

Mas não, não é luar: é luz do etéreo.
É um dia; e, no céu amplo de desejo,
A madrugada irreal do Quinto Império
Doira as margens do Tejo.

(PESSOA, 2008, p. 116)

CENA 3: Sec. XX / Fernando Pessoa (1888-1935) ó REIVINDICAR O PRESENTE

*A linguagem é muito poderosa. Ela não apenas descreve a realidade,
ela cria a realidade que descreve.*

(Desmond Tutu, Prêmio Nobel da Paz)

Fernando Pessoa repete seu percurso habitual atravessando o Rossio e seguindo em direção a um Café da cidade. Não continua pela Baixa até o Terreiro do Paço para encontrar os amigos no ãMartinho da Arcadaö, prefere subir em direção ao Bairro Alto até ãA Brasileiraö, junto à Praça Luís de Camões. Dali, a visão da estátua do autor d~~o~~s *Lusíadas* talvez o ajude a decidir se concorrerá ao prêmio ãAntero de Quentalö, a ser atribuído ao melhor livro de poesia nacionalista apresentado. O prazo para a entrega é curto, mas ele já tem vários poemas que se encaixam perfeitamente na estrutura do livro que tem em mente.

O contexto histórico português que condiciona a vida de Fernando Pessoa merece ser observado. O nascimento do poeta acontece no mesmo ano da Abolição da escravatura no Brasil, 1888. No ano seguinte é Proclamada a República nesse país. Depois da Independência do Brasil, em 1822, o fim do regime monárquico e o exílio do Imperador D. Pedro II,

confirmam a irreversibilidade da perda dessa antiga e próspera colônia portuguesa. Ainda mais traumático foi o *Ultimatum* inglês, que em 1890 obrigou Portugal a ceder territórios reivindicados no interior da África. Na sequência, o Regicídio, em 1908, acelerou a Proclamação da República, que aconteceu em 1910. O período da 1ª guerra mundial, entre 1915 a 1918, não vai ser menos conturbado, em virtude da substituição frequente de líderes de estado, que culmina com o assassinato do então presidente Sidónio Paes, em 1918. Em 1926, António Oliveira Salazar entra para o governo e em 1928 se torna ministro das finanças. Poucos anos depois, em 1932, já como 1º ministro, Salazar instaura o ãEstado Novoö, que confirma o caráter autoritário do seu governo. É o Secretariado Nacional de Propaganda do governo salazarista que instituiu o prêmio ãAntero de Quentalö, no ano de 1934.

Elaborar um livro nacionalista terá sido mais sugestivo no período das grandes navegações, mesmo assim Pessoa aceita o desafio e concorre com o livro *Mensagem*, com poemas elaborados entre 1913 e 1934. Por razões formais conseguirá apenas o segundo lugar, e a posteridade não se lembrará do primeiro: *Romaria*, de Manuel Ventura.

Do conjunto de poemas que compõem o livro, interessa-nos destacar o tratamento dado ao rei D. Sebastião. Pela representação do poeta, este rei ãloucoö, numa conotação de imprudente, inconsequente, quase um alienado, se reverte no indivíduo crente e confiante, ãloucoö no sentido de corajoso, determinado, capaz de perseguir seu ideal nacionalista e cristão a qualquer preço.

D. SEBASTIÃO, Rei de Portugal...

Louco, sim, louco, porque quiz grandeza
Qual a Sorte a não dá.
Não coube em mim minha certeza;
Por isso onde o areal está
Ficou meu ser que houve, não o que há.

Minha loucura, outros que a tomem
Com o que nella ia.
Sem a loucura que é o homem
Mais que a besta sadia,
Cadáver addiado que procria?
(PESSOA, 2008, p. 73)

Toda a terceira parte do livro, intitulada ãO Encobertoö, é dedicada ao rei e ao mito que surge após a sua morte (ou desaparecimento). A esperança no retorno do rei, simbolicamente, como não poderia deixar de ser, séculos depois da batalha de Alcácer-Quibir, é, sobretudo, uma reivindicação de que a espera se converta em ação; que no presente se

realize a mudança capaz de reverter o abatimento da nação. D. Sebastião simboliza aquele que constrói o seu próprio destino, a despeito dos riscos que sabe que precise enfrentar.

Mas é no poema "Terceiro", da subdivisão "Avisos", escrito em 1ª pessoa, que o poeta sugere ser ele mesmo um novo sinal de que o sebastianismo precisa se manter vivo, não mais como saudade do passado ou expectativa do futuro, mas como urgência do presente. O questionamento do poeta revela o cansaço decorrente da espera:

TERCEIRO

Screvo meu livro à beira-magua.
Meu coração não tem que ter.
Tenho meus olhos quentes de água.
Só tu, Senhor, me dás viver.

Só te sentir e te pensar
Meus dias vacuos enche e doura.
Mas quando quiserás voltar?
Quando é o Rei? Quando é a Hora?

Quando virás a ser o Christo
De a quem morreu o falso Deus,
E a despertar do mal que existo
A Nova Terra e os Novos Céus?

Quando virás, ó Encoberto,
Sonho das eras portuguez,
Tornar-me mais que o sopro incerto
De um grande aneio que Deus fez?

Ah, quando quiserás, voltando,
Fazer minha esperança amor?
Da névoa e da saudade quando?
Quando, meu Sonho e meu Senhor?
(PESSOA, 2008, p. 117)

A defesa do mito como símbolo de ação e não como representação da espera é reforçada pelo último poema do livro, "Nevoeiro", no qual o poeta insiste: "É a Hora!".

ENCERRAMENTO

Quantas vezes alguém pode salvar-se? Quantas vezes alguém pode enganar a morte?
Quanto tempo é preciso para se realizar algo digno de ser lembrado?

A salvação do homem só é possível através da memória alheia, que eterniza os feitos muitas vezes motivados por expectativas que se criam a partir das promessas; estas resultantes da interpretação dos mais diversos sinais. No entanto, toda lembrança pode ser uma construção discursiva.

A partir do fato histórico da morte do Rei D. Sebastião na batalha de Alcácer-Quibir, no século XVI, consideramos a intervenção pessoal do indivíduo no seu próprio destino e a influência das circunstâncias históricas que permitiram a construção do mito do sebastianismo. Incapazes de admitir a morte de seu rei, os portugueses preferem acreditar no seu retorno impossível, e mesmo em textos que condenam a atitude de D. Sebastião surgem dúvidas sobre o destino do rei, como acontece na *Crônica de El-Rey Dom Sebastiam*, de Miguel Pereira, que termina com o seguinte poema:

Incerta pedra me encerra,
 Se não é areia africana
 Sendo minha morte precoce,
 De meu Reino eterna guerra.
 Minha vida parece chama,
 Minha morte parece enigma.
 Mas a terra ou mar me oprima
 Eu estou onde está a minha fama.
 Miguel Pereira. (*apud* VALENSI, 1994, p. 23)

Sem desconsiderar os aspectos da História oficial, insistimos na contribuição do discurso literário para a consolidação do mito sebástico, destacando aqueles que teriam sido os três avisos, entendidos como três momentos em que o país precisou acreditar na existência desse rei. Independentemente da leitura que se faça desses avisos em seu próprio tempo ou em outro, o fato é que D. Sebastião ultrapassa os limites da sua própria história e é imortalizado pelo discurso literário, o único que transforma o particular em universal. A Literatura o aproxima daquele que é o maior dos reis, e como Ele representa a promessa de um mundo melhor. Nas *Trovas* do sapateiro Bandarra, nos *Sermões* do Padre António Vieira (aqui entendidos como textos literários) ou nos poemas de Fernando Pessoa, a promessa do destino glorioso de D. Sebastião se confirma, independentemente do sentimento de espera ser conveniente ou não para o país.

D. Sebastião

Sperae! Cahi no areal e na hora adversa
 Que Deus concede aos seus
 Para o intervallo em que esteja a alma immersa

Em sonhos que são Deus.

Que importa o areal e a morte e a desventura
Se com Deus me guardei?
É O que eu me sonhei que eterno dura,
É Esse que regressarei.
(PESSOA, 2008, p. 107)

É preciso que todas as colônias ultramarinas sejam finalmente perdidas, que Portugal tenha que se reconhecer dentro de suas reduzidas fronteiras, para que um outro texto literário, dessa vez um romance: *As Naus*, de António Lobo Antunes, possa desconstruir o mito, e dessa forma reivindicar, mais uma vez, agora sem a ilusão de que algum òsalvadorò chegará, que o país se reconheça no presente. Em *As Naus* existe um D. Sebastião, ele é um personagem descrito como um õpateta inútil de sandálias e brinco na orelha, sempre a lamber uma mortalha de haxixeö, que foi õesfaqueado num bairro de droga de Marrocos por roubar a um maricas inglês, chamado Oscar Wilde, um saquinho de liambaö (LOBO ANTUNES, 1988, p. 179).

Se D. Sebastião já não é mais necessário ao país ou não, não nos cabe aqui opinar; sobretudo porque não há espaço para enveredarmos pelo jogo intertextual proposto pelo romance de Lobo Antunes. õO tempo urgeö e logo alguém gritará: õ- Cortaö. Inegável é que o Sebastianismo é instigante; não na perspectiva de retomar a expectativa de que Portugal realize um novo feito glorioso, para o qual estaria predestinado, mas pelo fascínio da história desse rei singular e pela constatação do poder da palavra, mais especificamente do discurso literário, através do qual o mito se consolida e permanece, o que se confirma pela existência deste trabalho e de tantos outros inspirados na mesma temática.

FIM

BIBLIOGRAFIA:

- BERARDINELLI, Cleonice . õMensagemö. In: *Fernando Pessoa. Outra vez te revejo*.
BRÉCHON, Robert. *Estranho estrangeiro*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1997.
CAMÕES, Luís de. õOs Lusíadas. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1988.
DOBROKURA, Vicente. õAntonio conselheiro, profeta do sertão?ö. Disponível em <http://repositorio.unb.br>. Acesso em junho de 2014.

FOLCH, Luiza Trias. *ãA Evangelização e o Quinto Império em António Vieiraö*. Disponível em: www.ihuonline.unisinos.br. Acesso em junho de 2014.

GUARDINI, Romano. *Liberdade, graça e destino*. Lisboa: Editorial Aster, [s/d].

HERMANN, Jacqueline.(a) *ãAs metamorfoses da espera: messianismo judaico, cristãos-novos e sebastianismo no Brasilö*. Disponível em www.humanas.ufpr.br. Acesso em junho de 2014.

-----.(b) *ãD. Sebastião no Brasil. Um estudo sobre o movimento sebastianista da Serra do Rodeador em Pernambuco, 1820ö*. Disponível em <http://cvc.instituto-camoes.pt>. Acesso em junho de 2014.

HUTCHEON, Linda. *ãMetaficção historiográfica: o passatempo do tempo passadoö*. In: *Poética do pós-modernismo*. RJ: Imago,

LOBO ANTUNES, António. *As Naus*. Lisboa: Dom Quixote, 1988.

MOISÉS, Carlos Felipe. *Roteiro de Leitura: Mensagem de Fernando Pessoa*. São Paulo: Ática, 2000.

OTTEN, Alexandre H. *Só Deus é grande: a mensagem religiosa de Antônio Conselheiro*. Disponível em: <http://books.google.com.br>. Acesso em maio de 2014.

PESSOA, Fernando. *Mensagem*. Organização de Cleonice Berardinelli e Maurício Matos. RJ: 7 letras, 2008.

QUESADO, José Clécio Basílio. *Labirintos de um livro à beira-mágoa (mensagem de Fernando Pessoa)*. RJ: ELO Editora. 1999.

RAMALHO, Américo da Costa. *Camões no seu tempo e no nosso*. Coimbra: Almedina, 1992.

TEYSSIER, Paul. *ãO século gloriosoö*. In: CHANDEIGNE, Michel (org.). *Lisboa Ultramarina 1415-1580: a invenção do mundo pelos navegadores portugueses*. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

VALENSI, Lucette. *Fábulas da Memória ó A batalha de Alcácer-Quibir e o mito do sebastianismo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

VIEIRA, António. *História do Futuro*. Disponível em: www.nead.unma.br. Acesso em maio de 2014.

Recebido em 18/11/2014.

Aceito em 20/12/2014.